RESENHA ECONÔMICA 4

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

4ª Edição

Entre Juros e Crescimento: Economia Brasileira em Análise

18 DE MAIO DE 2026

ANEFAC

70 anos ADVB®

Ninguém é líder por acaso.

RESENHA ECONÔMICA

Essa **Resenha Econômica** contém uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros).

O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado sobre os principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal

Boletim FOCUS de 15-maio-26 - publicado em 18-maio-26

IPCA - INFLAÇÃO

ANO	PROJEÇÕES SEMANA ANTES	PROJEÇÕES SEMANA ATUAL	VAR%	INFLAÇÃO META BACEN	TOLERANCIA ABAIXO	TOLERANCIA ACIMA
					-1,50%	1,50%
2026	4,91%	4,92%	0,01%	3,00%	1,50%	4,50%
2027	4,00%	4,00%	0,00%	3,00%	1,50%	4,50%
2028	3,64%	3,65%	0,01%	3,00%	1,50%	4,50%
2029	3,50%	3,50%	0,00%	3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,85%	1,85%	0,00%
2027	1,76%	1,77%	0,01%
2028	2,00%	2,00%	0,00%
2029	2,00%	2,00%	0,00%

SELIC no final do ano

2026	13,00%	13,25%	0,25%
2027	11,25%	11,25%	0,00%
2028	10,00%	10,00%	0,00%
2029	10,00%	10,00%	0,00%

BANCO CENTRAL DO BRASIL

Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIAÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

DATAS DAS REUNIÕES BANCO CENTRAL EM 2026

BRASIL		
COPOM		
1	276ª	27 e 28 de janeiro
2	277ª	17 e 18 de março
3	278ª	28 e 29 de abril
4	279ª	16 e 17 de junho
5	280ª	4 e 5 de agosto
6	281ª	15 e 16 de setembro
7	282ª	3 e 4 de novembro
8	283ª	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS	
FOMC	
1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

IPCA
ABR-26

Custo de vida **Inflação oficial**

Guerra pesa em IPCA de 0,67% em abril

Com o resultado – o mais elevado para o mês desde 2022 –, taxa em 12 meses vai a 4,39%; de acordo com o IBGE, combustíveis e alimentos puxaram aumentos de preços

E&N Reflexos da guerra B1 e B2

Jornal ESTADÃO 13-maio

Inflação de abril é a maior do mês em 4 anos; gasolina subirá 'já, já'

Petrobras deve anunciar alta de preço do combustível em breve

Indicador oficial da inflação no País, o IPCA desacelerou de 0,88%, em março, para 0,67% em abril. O resultado, porém, foi o mais elevado para o mês desde 2022. Com isso, a taxa acumulada em 12 meses acelerou pelo segundo mês consecutivo: de 4,14%, em março, para 4,39%, ainda dentro da margem de tolerância da meta (4,5%), mas cada vez mais longe do seu centro (3%). O conflito no Oriente Médio voltou a afetar os preços de itens como combustíveis e alimentos. Pesaram também os reajustes de medicamentos, gás de botijão e energia elétrica. Ontem, a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, afirmou que a companhia deve anunciar em breve um aumento de preços da gasolina. "Vai acontecer já, já", disse. O barril do petróleo fechou a US$ 107,77, alta de 3,42%.

Inflação anual nos EUA chega a 3,8%

Maiores aumentos foram nos custos de energia, provocados pela guerra no Oriente Médio. B2

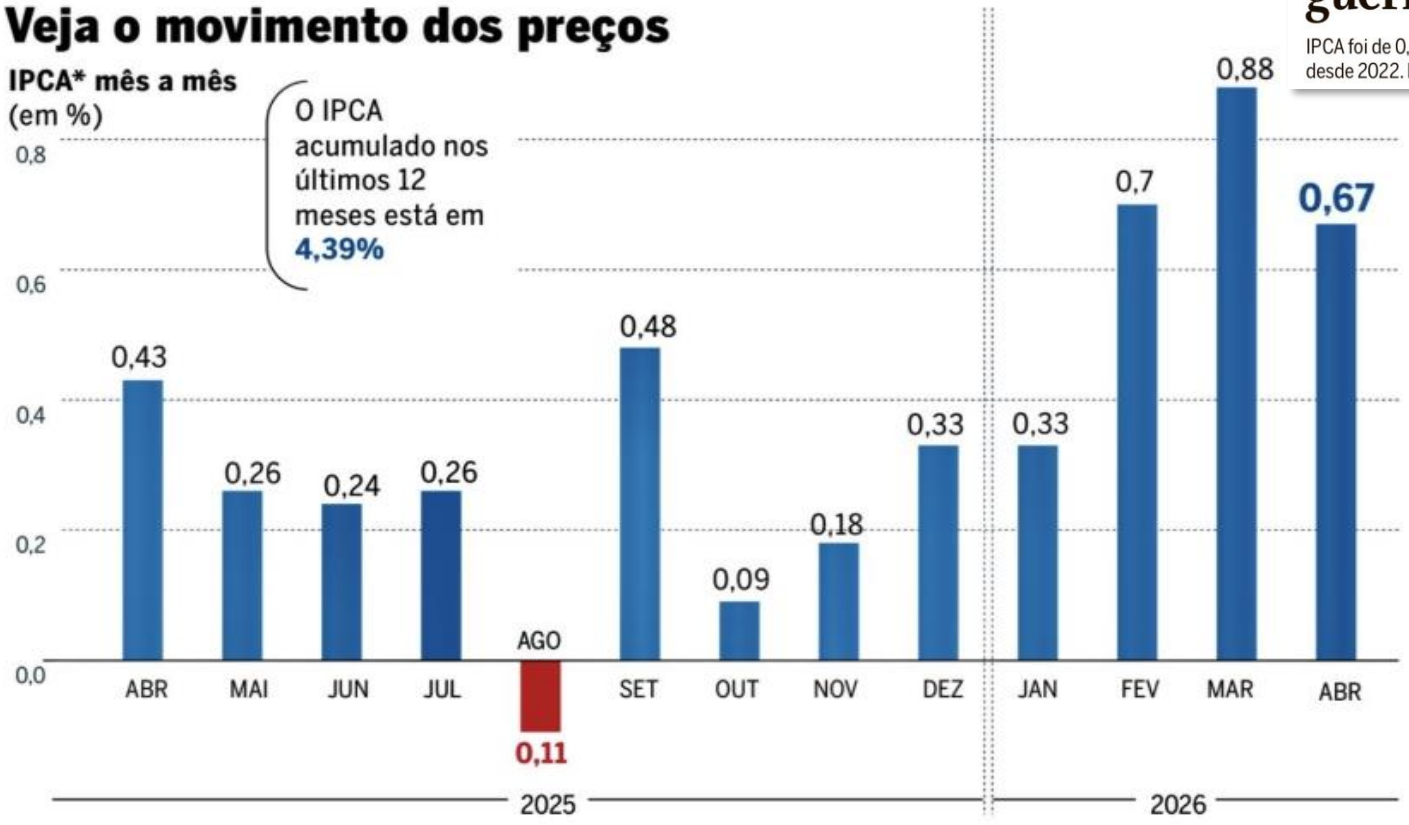
IPCA
ABR-26

Jornal GLOBO 13-maio

Veja o movimento dos preços

IPCA* mês a mês
(em %)

O IPCA acumulado nos últimos 12 meses está em **4,39%**



Efeitos da guerra
(alta de preços acumulada entre março e abril)

Alimentação no domicílio **3,61%**

Gasolina **6,54%**

*ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO (IPCA)

FONTE: IBGE

Alimentos e gasolina mostram efeitos da guerra na inflação

IPCA foi de 0,67% em abril, a maior taxa para o mês desde 2022. Em 12 meses, índice encosta no teto da meta

MAYRA CASTRO
mayra.castro@oglobo.com.br

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficou em 0,67% em abril, uma taxa menor que os 0,88% registrados em março e dentro das expectativas do mercado. Economistas avaliam que, mesmo mais baixo que o mês anterior, o resultado, divulgado ontem pelo IBGE, segue elevado para o mês, com pressão ainda concentrada nos preços de alimentos e combustíveis, em meio aos efeitos da guerra no Irã sobre a cotação do petróleo. Foi a maior alta para o mês desde 2022.

Nos últimos 12 meses, o índice, que é referência para o sistema de metas de inflação, continua subindo: saiu de 4,14% em março para 4,39%, ficando mais distante do centro da meta fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 3%, podendo oscilar entre 1,5% e 4,5%.

IPCA
ABR-26

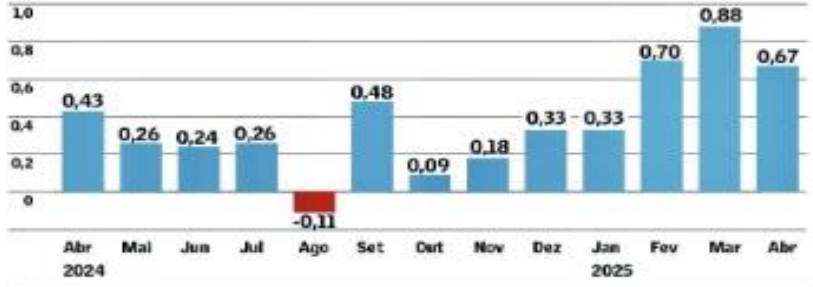
Conjuntura IPCA tem pior abril desde 2022, sob impacto da alta de preços causada pela disparada do petróleo com conflito no Irã

Alimentos e gasolina pesam, e inflação acende alerta

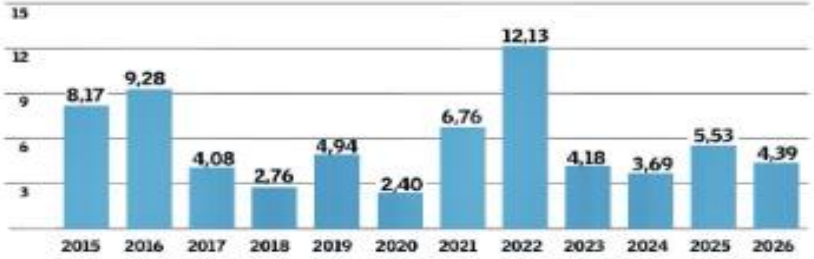
Jornal VALOR 13-maio

Inflação de abril desacelera na margem

Variação mensal do IPCA, em %

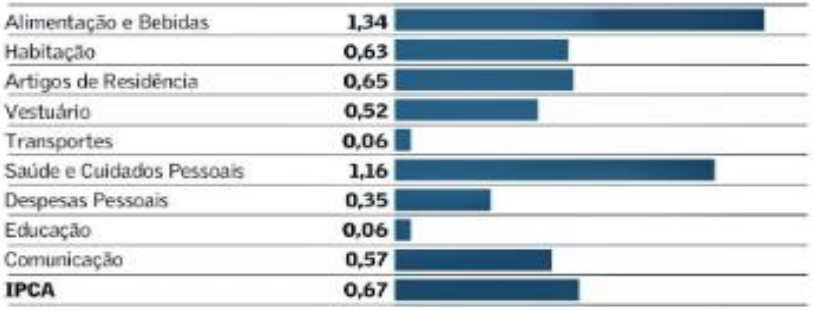


Inflação acumulada em 12 meses para meses de abril, em %



Alimentos e remédios sobem de preço em abril

Variação de preços em abril em %



Fonte: IBGE

Vinícius Lucena
e Lucianne Carneiro
De São Paulo e do Rio

Apesar de a inflação ter desacelerado em abril, o cenário para os preços neste ano piorou muito com a alta dos alimentos voltando a ganhar protagonismo e o preço da gasolina em alta, refletindo a disparada no preço internacional do petróleo causada pela guerra no Oriente Médio. Bens industriais e serviços sensíveis ao ciclo econômico também aceleraram no período, o que deve tornar mais difícil a tarefa do Banco Central de continuar o ciclo de corte na taxa de juros.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficou em 0,67% no mês passado, ante 0,88% em março. O resultado ficou pouco acima da mediana das projeções de 32 instituições financeiras e consultorias, ouvidas pelo Valor Data (0,66%) e é o maior para o mês de abril desde 2022: 1,06%. Em abril do ano passado, o índice havia subido 0,43%.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

1. Leitura Econômica do IPCA de abril/2026

O IPCA de abril veio em **0,67%**, abaixo dos **0,88% de março**, porém ainda em um nível elevado para o padrão histórico do mês.

No acumulado de 12 meses, a inflação subiu para **4,39%**, aproximando-se perigosamente do teto da meta do Banco Central (**4,50%**).

Principais pontos observados nos quadros:

a) A inflação está desacelerando apenas "na margem"

Apesar da queda de 0,88% para 0,67%, o índice continua elevado e disseminado.

Isso significa que:

- houve pequena perda de velocidade;
- porém a pressão inflacionária continua forte;
- e o processo de desinflação perdeu força.

O mercado esperava melhora mais consistente no segundo trimestre, mas os números mostram que a inflação permanece resistente.

b) Guerra no Oriente Médio impactando diretamente o Brasil

Os jornais destacam corretamente dois grandes vetores:

1. Petróleo / combustíveis

A guerra entre Irã, Israel e EUA elevou o preço internacional do petróleo.

Impactos:

- gasolina subiu 6,54%;
- fretes ficaram mais caros;
- pressão sobre logística;
- aumento indireto sobre praticamente toda a cadeia produtiva.

Para o Brasil, isso é relevante porque:

- combustíveis contaminam os custos da economia inteira;
- aumentam inflação de serviços e alimentos;
- pioram expectativas inflacionárias futuras.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

2. Alimentos

A alimentação no domicílio subiu 3,61% no acumulado recente.

Isso revela:

- inflação percebida pela população está alta;
- perda de poder de compra das famílias;
- maior sensibilidade política e social.

Quando alimentos sobem, o Banco Central costuma ficar mais preocupado porque:

- o efeito é imediato sobre consumo;
- altera expectativas;
- dificulta ancoragem inflacionária.

---

c) A inflação deixou de ser apenas "choque externo"

O quadro do Valor mostra algo importante:

Além de alimentos e gasolina:

- saúde e cuidados pessoais: +1,16%;
- habitação: +0,63%;
- comunicação: +0,57%;
- vestuário: +0,52%.

Ou seja:

A inflação está mais espalhada na economia.

Isso é um sinal clássico de:

- demanda ainda aquecida;
- indexação forte;
- mercado de trabalho resiliente;
- dificuldade do BC em reduzir juros rapidamente.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

2. O que mais preocupa o Banco Central?

Hoje o BC observa 4 fatores centrais:

1. Inflação de serviços ainda elevada

Serviços costumam refletir:

- salários;
- renda;
- mercado de trabalho.

E são mais difíceis de desacelerar.

---

2. Expectativas inflacionárias piorando

O mercado começa a revisar projeções para cima.

Se as expectativas desancoram:

- empresas reajustam preços antes;
- sindicatos pressionam salários;
- inflação ganha persistência.

---

3. Guerra e petróleo

O risco geopolítico aumentou muito.

Se continuar:

- fechamento parcial do Estreito de Ormuz;
- ataques a infraestrutura petrolífera;
- ampliação do conflito,

o petróleo pode subir rapidamente para:

- US$ 100;
- US$ 110;
- ou mais.

Isso mudaria completamente o cenário inflacionário global.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

4. Pressão fiscal brasileira

O mercado continua preocupado com:

- expansão de gastos públicos;
- dificuldade de ajuste fiscal;
- crescimento da dívida pública.

Isso pressiona:

- dólar;
- juros futuros;
- inflação.

---

3. O que o COPOM deve discutir em 16 e 17 de junho?

O cenário-base hoje indica:

Possibilidade MAIOR:

Manutenção da SELIC

A taxa provavelmente deverá permanecer em:

14,25% a.a.

Motivos:

- inflação ainda elevada;
- guerra elevando petróleo;
- expectativas desancorando;
- atividade econômica ainda resiliente.

O BC deverá adotar tom:

- duro;
- cauteloso;
- conservador.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

4. Qual será a discussão interna do Banco Central?

O COPOM provavelmente discutirá 3 cenários:

Cenário 1 – Manutenção prolongada da SELIC (mais provável)

SELIC:

14,25% por vários meses.

Objetivo:

- impedir nova aceleração inflacionária;
- preservar credibilidade;
- evitar deterioração cambial.

Esse parece ser o cenário predominante hoje.

Cenário 2 – Última alta residual (probabilidade moderada)

Caso:

- petróleo continue subindo;
- inflação de maio/junho venha forte;
- dólar pressione,

o BC pode discutir:

alta adicional de 0,25 p.p.

(14,50%)

Ainda não é cenário-base, mas deixou de ser impossível.

ANÁLISE ECONÔMICA - IPCA Abril/2026 e Perspectivas para a SELIC

Cenário 3 – Corte de juros em 2026 (menos provável no curto prazo)

Os cortes só voltariam à mesa se ocorrer:

- forte desaceleração econômica;
- queda do petróleo;
- melhora fiscal;
- recuo consistente do IPCA.

Hoje isso parece mais provável apenas no segundo semestre.

---

5. Conclusão:

"A inflação desacelerou, mas continua desconfortavelmente alta e mais espalhada na economia."

O Banco Central deverá:

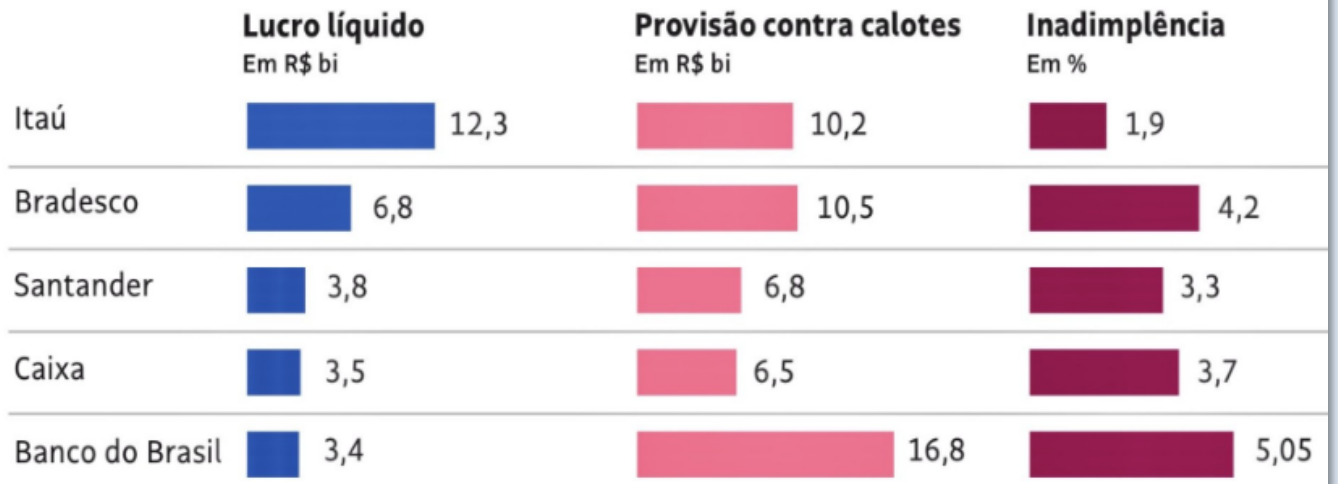
- interromper o ciclo de queda de juros;
- manter postura conservadora;
- e acompanhar atentamente:
  - guerra no Oriente Médio;
  - petróleo;
  - inflação de alimentos;
  - expectativas do mercado.

CALOTES E INADIMPLÊNCIA PROVISÕES BANCÁRIAS

Endividamento, guerra e juro alto pesam, e bancos recalibram oferta de crédito

Provisões para calotes em grandes instituições sobem 43,4% no 1º tri e chegam a R$ 51,3 bi; agronegócio tem perdas

Bancos sentem alta no endividamento do brasileiro no 1º tri



Fonte: bancos

Jornal FOLHA 18-maio

Júlia Moura

SÃO PAULO O cenário para os bancos brasileiros piorou no início deste ano. O forte endividamento do brasileiro, a guerra do Irã, a Selic em dois dígitos e a recuperação de grandes empresas pesaram nos balanços das instituições do primeiro trimestre de 2026.

As instituições estão com mais dificuldade para reaver empréstimos, fazendo com que a torneira fique fechada para linhas mais arriscadas.

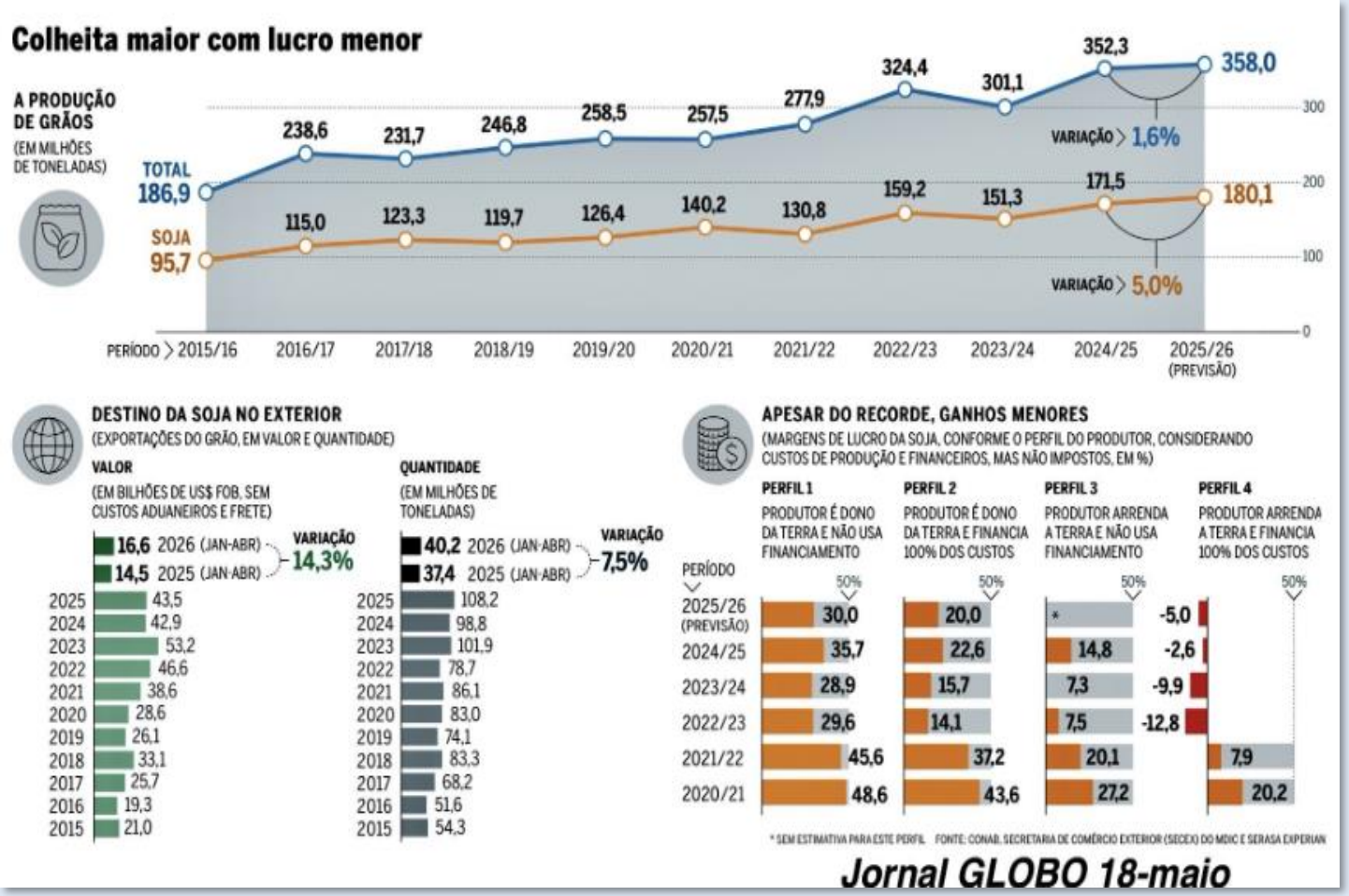
Itaú Unibanco, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Santander e Banco do Brasil, os cinco maiores bancos em ativos, elevaram no primeiro trimestre do ano as provisões para possíveis calotes.

AGRO

APESAR DE SAFRA RECORDE

APERTO NO AGRO

Custo da lavoura sobe, preço dos grãos cai, e inadimplência dispara



VINICIUS NEDER
vinicius.neder@oglobo.com.br

Com a colheita praticamente concluída, a safra de soja do Brasil bateu novo recorde, ajudando o crescimento econômico do primeiro trimestre — o IBGE divulgará os dados do Produto Interno Bruto (PIB) daqui a duas semanas —, mas os produtores rurais estão cada vez mais apertados. E as perspectivas preocupam. A guerra no Oriente Médio elevou custos, enquanto o início do El Niño, o fenômeno climático causado pelo aquecimento das águas do Pacífico, espalha incerteza para a próxima safra.

As cotações da soja, que balizam a receita na hora de vender, estão em R$ 122,27, na média de maio, ante R$ 128,14 em igual mês de 2025, conforme indicador do Cepea, centro de pesquisas econômicas da Esalq, a escola agrícola da USP. Como os custos não param de subir, o que sobra para o produtor é pouco. O aperto já vinha do ano passado, mas piorou desde que EUA e Israel iniciaram os ataques ao Irã.

REDUÇÃO DE VOOS NO BRASL

Aéreas Disparada na cotação do petróleo e seu efeito sobre o querosene de aviação, por conta da guerra no Oriente Médio, obrigou companhias a ajustarem seus planos

Brasil perde 93 voos por dia em maio

Cristian Favaro
De São Paulo

A disparada do preço do petróleo por causa da guerra no Oriente Médio levou as aéreas no Brasil a traçarem um plano de sobrevivência para os próximos meses. Isso porque o combustível de aviação, que respondia historicamente por cerca de 30% do custo operacional dessas empresas no país, dobrou desde fevereiro. Em paralelo, a indústria demonstra preocupação com o fim, no dia 31 de maio, dos incentivos tributários para o querosene de aviação (QAV).

No ar
Previsão de voos/dia para maio de 2026 por data de consulta

Jornal VALOR 18-maio

Destinos mais afetados em maio
% de redução de voos entre 2/abril e 12/maio

Fonte: SIROS/Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), compiladas pela Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear)

LUCRO DA PETROBRÁS

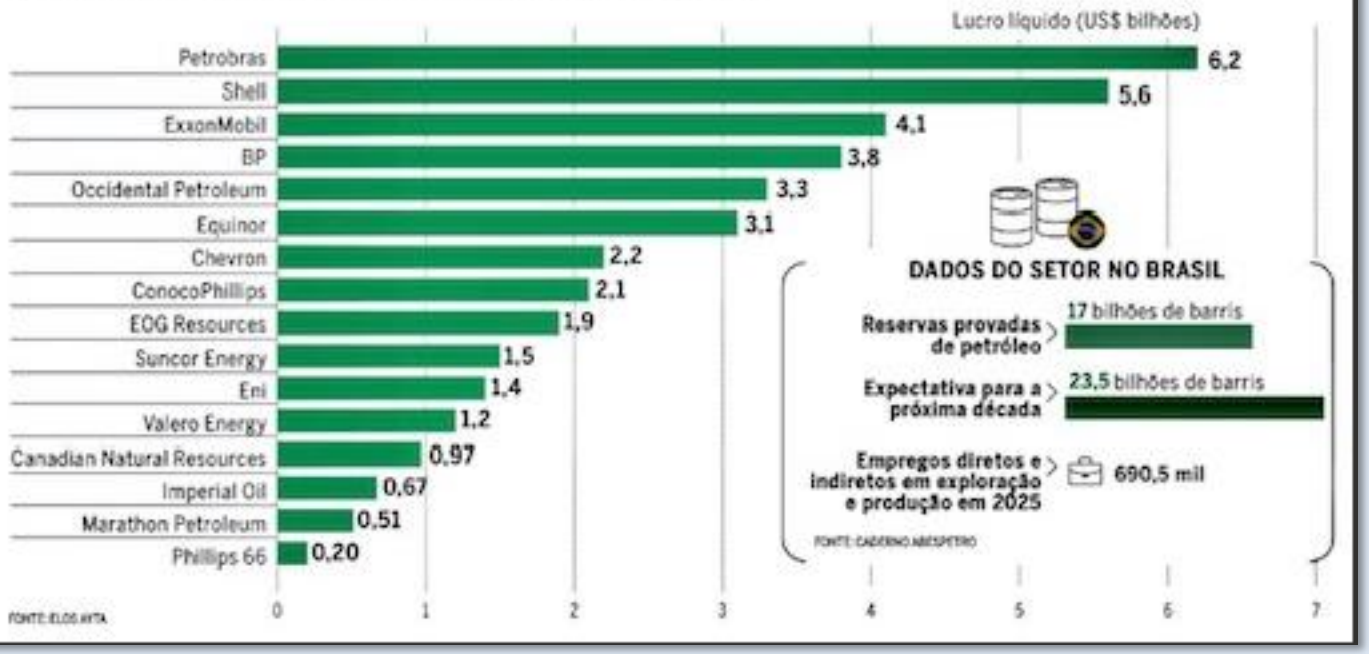
Lucro trimestral da Petrobras é o maior do mundo entre grandes petroleiras

Resultado em dólares supera o de gigantes como Shell e ExxonMobil. Brasil encerrou 2025 com quase 700 mil pessoas empregadas no setor, número que retoma o patamar recorde de 2010

Jornal GLOBO
15-maio

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

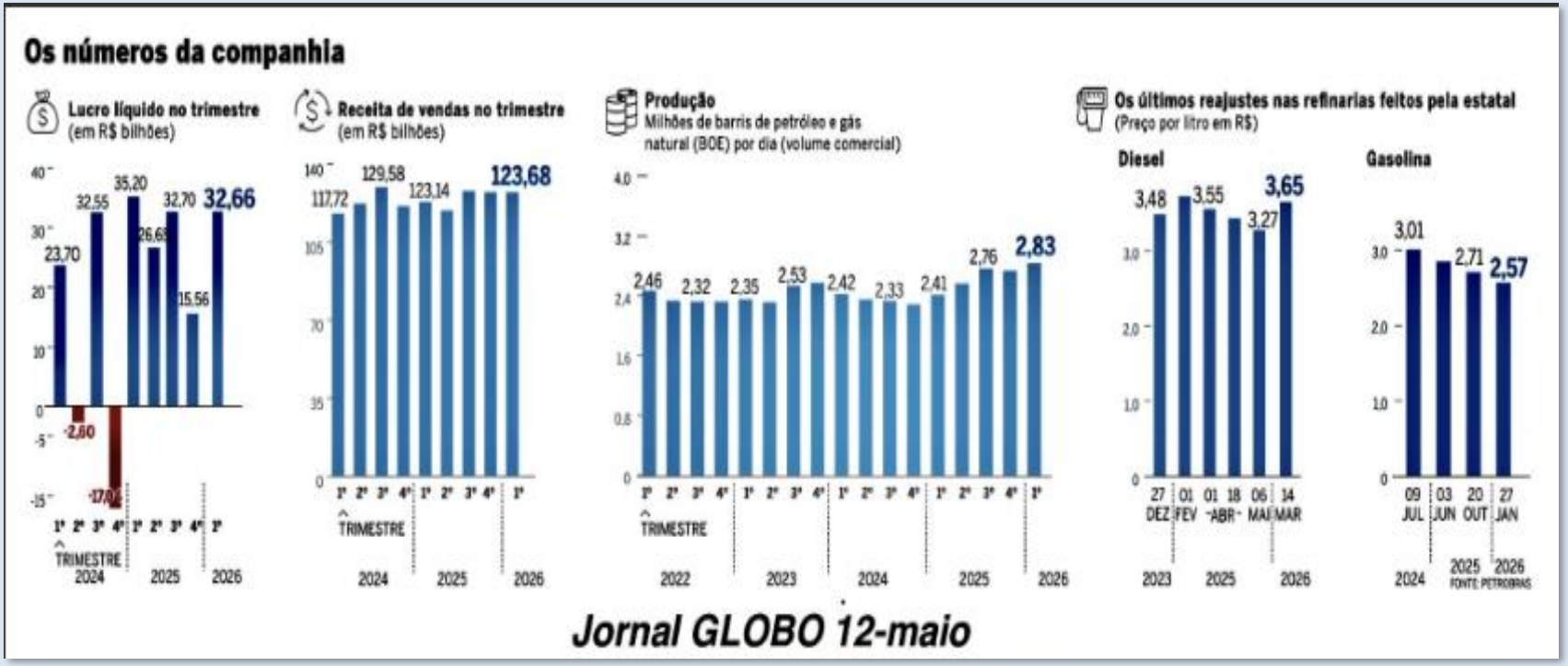
A Petrobras foi a empresa que mais lucrou no primeiro trimestre deste ano, em dólares, entre as grandes petroleiras do mundo, de acordo com levantamento da consultoria Elos Ayta. O aumento na produção, a desvalorização da moeda americana sobre o real e a alta nas cotações internacionais do petróleo fizeram a estatal registrar ganhos de US$ 6,2 bilhões entre janeiro e março, colocando a companhia na dianteira da lista. Em segundo lugar aparece a Shell, com US$ 5,6 bilhões, seguida da ExxonMobil, com US$ 4,1 bilhões.



LUCRO DA PETROBRÁS

LUCRO DE R$ 32,6 BI

Ganho da Petrobras recua 7,2% no 1º tri. Empresa vai pagar R$ 9 bi em dividendos



Jornal GLOBO 12-maio

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

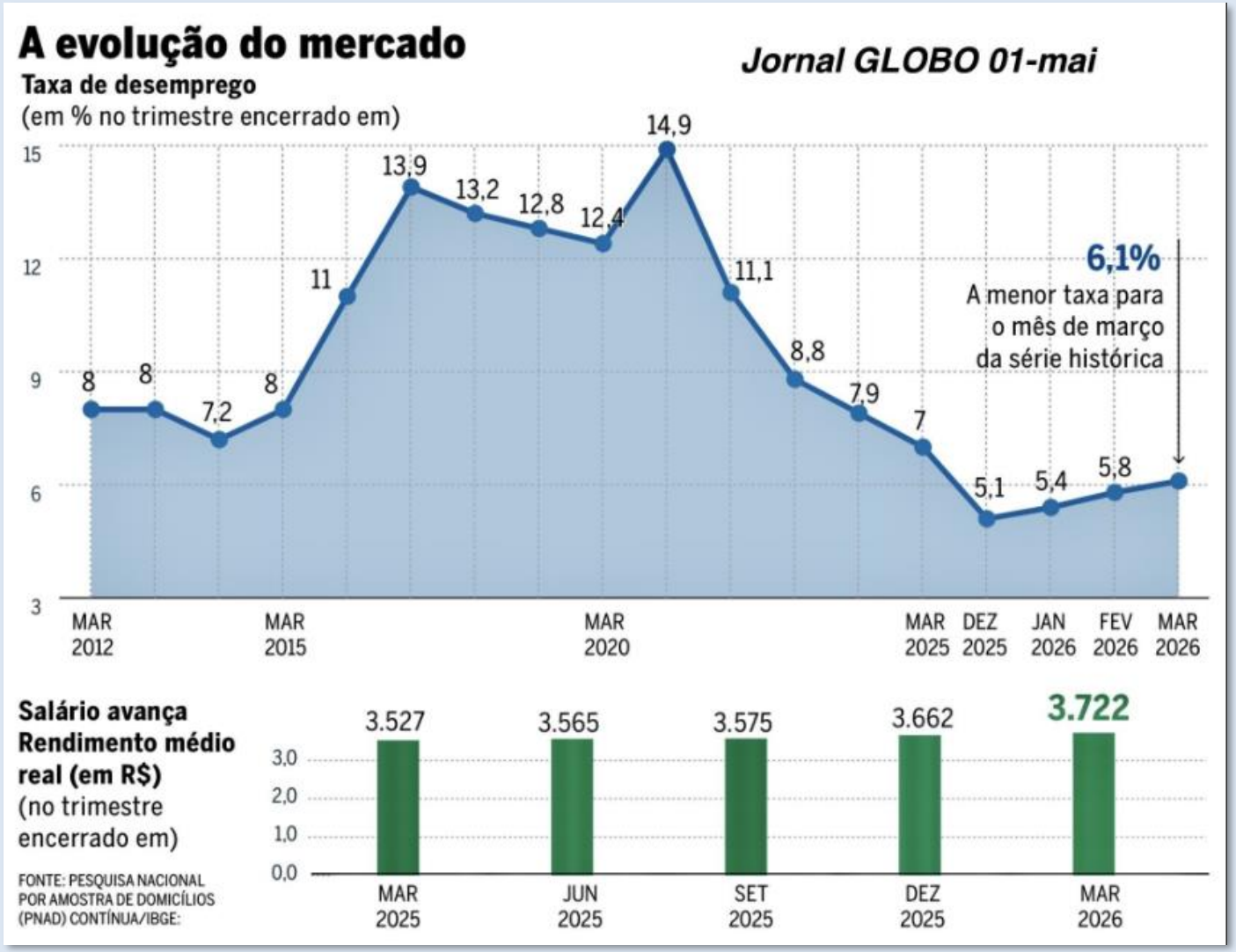
A Petrobras registrou lucro líquido de R$ 32,6 bilhões no primeiro trimestre deste ano, sob o impacto da guerra no Irã. O número é 7,2% menor que os R$ 35,2 bilhões obtidos entre janeiro e março do ano passado. Analistas esperavam ganhos na faixa dos R$ 29 bilhões, de acordo com a média das previsões. A estatal informou ainda que vai distribuir aos acionistas R$ 9,03 bilhões em dividendos.

Em relação ao quarto trimestre do ano passado, houve alta de 109,9%, quando o ganho foi de R$ 15,5 bilhões.

Em dólar, o lucro líquido da estatal avançou 3,8% na comparação anual, passando de US$ 5,97 bilhões para US$ 6,19 bilhões. Isso reflete a valorização do real.

O resultado incorpora apenas parte dos efeitos do conflito no Oriente Médio — os Estados Unidos iniciaram os ataques militares ao Irã em 28 de fevereiro, o que fez a cotação ***do petróleo disparar***

TAXA DE DESEMPREGO MAR-26



Taxa de desemprego sobe a 6,1%, mas é a menor para março

É a primeira vez em dez meses que a desocupação ultrapassa os 6%. Renda alcança novo recorde, chegando a R$ 3.722

MAYRA CASTRO
mayra.castro@oglobo.com.br

A taxa de desemprego subiu para 6,1% no trimestre encerrado em março, após alcançar 5,8% em fevereiro. Mesmo com a alta, é o menor índice já registrado em um mês de março desde o início da série histórica, em 2012. Essa é a primeira vez em dez meses que a desocupação ultrapassa os 6%, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, divulgada pelo IBGE ontem.

O resultado veio dentro do esperado por analistas de mercado, que projetavam alta de 6,1%, segundo a Bloomberg. A renda média bateu novo recorde, chegando a R$ 3.722.

INVESTIMENTO CHINÊS NO BRASIL

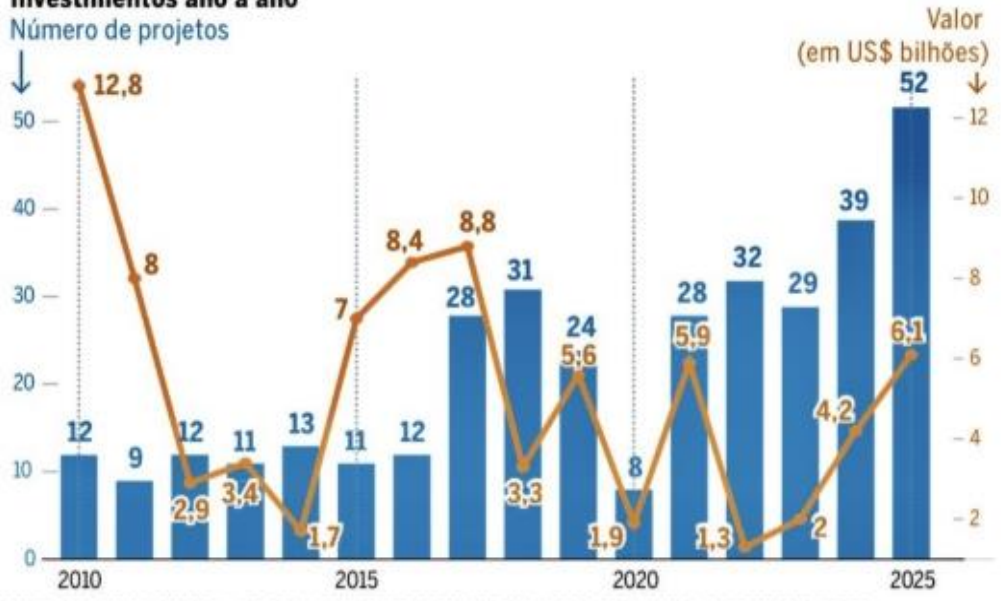
Brasil é maior destino de investimento chinês em 2025

No ano do tarifaço, montante aplicado teve salto de 45% e somou US$ 6,1 bi, o maior patamar registrado desde 2017

Jornal GLOBO 07-maio

Os aportes do gigante asiático

Investimentos ano a ano



FONTE: CEBC, COM DADOS DO CHINA GLOBAL INVESTMENT TRACKER, MONITOR MANTIDO PELO AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE.

Os principais destinos do investimento chinês no exterior (em US$ bilhões, em 2025)

VINICIUS NEDER
vinicius.neder@oglobo.com.br

Os investimentos chineses no Brasil saltaram 45% no ano passado ante 2024, para US$ 6,1 bilhões, o maior montante desde 2017, segundo levantamento que o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) divulga hoje. O estudo mapeou 52 projetos ou transações de investimento, recorde da série histórica iniciada em 2007.

Com o avanço, o Brasil foi o principal destino dos investimentos da China no exterior em 2025, ano do tarifaço, segundo dados do China Global Investment Tracker, monitor do *think tank* americano American Enterprise Institute (AEI), compilados pelo CEBC. Em 2024, o Brasil havia ficado em terceiro lugar. A última vez em que esteve na liderança do ranking de aportes foi em 2021.

Segundo o diretor de Conteúdo e Pesquisa do CEBC, Tulio Cariello, o protagonismo do Brasil se deve a uma combinação entre riqueza de recursos naturais, grande mercado consumidor e base industrial já estabelecida. Tanto que os destaques nos investimentos foram os setores elétrico, de mineração e automotivo.

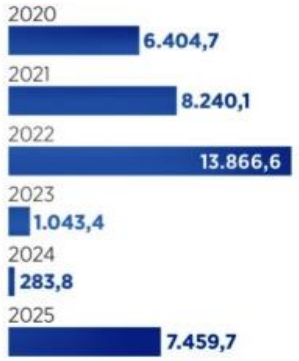
RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL E USA

Jornal FOLHA 11-maio

RAIO-X DA RELAÇÃO COMERCIAL DE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

EXPORTAÇÕES
em US$ milhões por ano

SUPERÁVIT COMERCIAL DOS EUA COM O BRASIL
Em US$ milhões, por ano



Os Estados Unidos mantêm superávit comercial com o Brasil há mais de 15 anos

US$ 274,5 bi
Foi o saldo positivo para os EUA na relação comercial com o Brasil na última década, incluindo comércio de bens e serviços

US$ 101,3 bi
Desse saldo foi obtido pelos EUA somente no comércio de bens

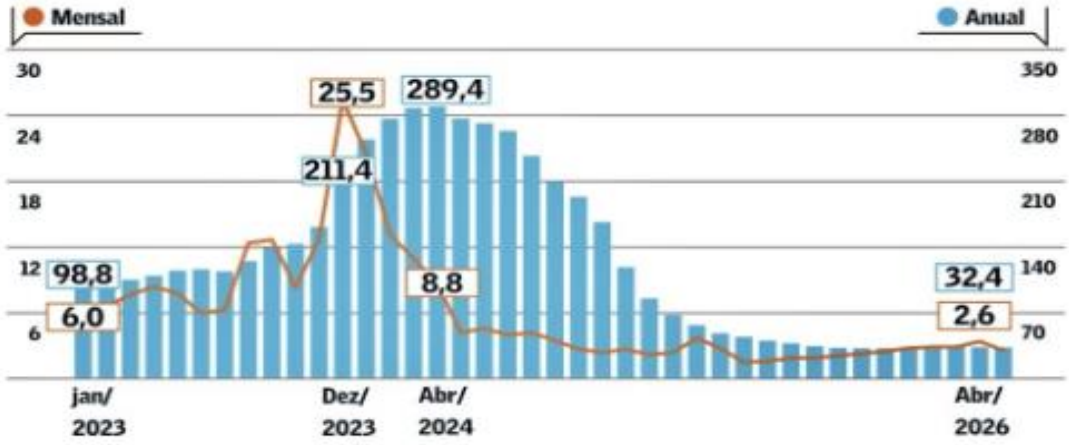
A PARTICIPAÇÃO DA INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO NO COMÉRCIO BRASIL-EUA

ARGENTINA

Jornal VALOR 15-maio

Alta dos preços perde ritmo na Argentina

Variações em %



Fonte: Indec. Elaboração: Valor Data

Inflação mensal na Argentina desacelera para 2,6% em abril

Laura Lopes e Luiza Palermo
De São Paulo

A inflação mensal da Argentina desacelerou em abril pela primeira vez em dez meses, uma vitória para o presidente Javier Milei, após a forte alta registrada em março, quando os preços foram pressionados por fatores sazonais e pelo choque no petróleo causado pela guerra no Irã.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 2,6% no mês passado em relação a março, quando o índice foi de 3,4%, segundo os dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec). No acumulado dos últimos 12 meses, a inflação ficou em 32,4%.

"É um número bastante positivo considerando que a inflação vinha subindo havia quase um ano e agora mostra, pela primeira vez, que está perdendo força", afirma Kevin Sijniensky, analista econômico da consultoria Econviews.

O resultado veio em linha com as expectativas do mercado, que já projetava alta de 2,6%, segundo a Pesquisa de Expectativas de Mercado (REM), elaborada pelo Banco Central da Argentina.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:

ANEFAC

70 anos ADVB®
Ninguém é líder por acaso.

Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB